

IMAGINÁRIO DISCURSIVO: COMO O JORNAL ZERO HORA RETRATOU O ATENTADO À PRAÇA DOS TRÊS PODERES EM 8 DE JANEIRO DE 2023

Vivian Leal da Silveira¹

Resumo: A insatisfação com o resultado das eleições presidenciais, em 2022, levou manifestantes bolsonaristas a invadirem os prédios dos poderes Executivo, Legislativo e Judiciário brasileiro, no ano seguinte. No jornal Zero Hora, de Porto Alegre, os acontecimentos de 8 de janeiro foram retratados em oito páginas - à exceção das colunas de opinião e também da capa - com diferentes reportagens. Neste artigo, elucida-se que os acontecimentos foram norteados por um imaginário ritualístico dos manifestantes, baseado em estado de religação junto ao líder derrotado, compreensão obtida através da análise do discurso empregado no texto, que fez uso de ditos relatados para tomar forma.

Palavras-chave: Discurso das mídias; Imaginário; Informação; 8 de janeiro.

Abstract: The dissatisfaction with the result of the presidential elections, in 2022, led Bolsonaro's protesters to invade the buildings of the Brazilian executive, legislative and judicial branches the following year. In the Zero Hora newspaper, from Porto Alegre, the events of January 8 were portrayed on eight pages - except for the opinion columns and the front page - with different reports. In this article, it is elucidated that the events were guided by a ritualistic imaginary of the protesters, based on a state of reconnection with the defeated leader, an understanding obtained through the analysis of the discourse employed in the text, which made use of reported sayings to take shape.

Keywords: Media discourse; Imaginary; Information; January 8.

1. Introdução

¹ Mestranda em comunicação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. E-mail para contato: viviandefato@gmail.com.

O resultado das eleições de 2022, que deu o terceiro mandato à frente do executivo brasileiro para Luiz Inácio Lula da Silva², gerou revolta em parte da população. O antecessor e adversário no segundo turno, Jair Messias Bolsonaro³, foi eleito em 2018, com 55,13% dos votos. Moura e Corbellini (2019), em uma obra que tenta explicar os motivos da vitória de Bolsonaro naquele ano, afirmam que o então candidato representava a expressão de um imaginário que foi se instalando aos poucos, desenvolvido a partir de uma explosão de sentimentos represados, preconceitos e, acima de tudo, uma repulsa ao Partido dos Trabalhadores⁴ e os escândalos⁵ envolvendo esquemas de corrupção durante os quatro mandatos da sigla na Presidência da República. Naquele ano, o adversário de Bolsonaro foi o petista Fernando Haddad, professor e ex-prefeito de São Paulo.

Em 2022, no entanto, o reservista do exército ficou frente a frente com o maior nome do Partido dos Trabalhadores e, reconhecidamente, o maior líder popular da história recente do Brasil (Brum, 2019). Assim como aconteceu em 2018, o país se encontrava em mais uma disputa político-ideológica, independentemente do vencedor, insatisfações seriam geradas e, com elas, consequências que recairiam sobre todo o país. O "mito" (Brum, 2019), como foi chamado durante o pleito de 2018, conquistou 49,17% dos votos e saiu derrotado. Lula, com 50,83%, conquistou o terceiro mandato à frente da nação.

Com o passar dos dias, após a confirmação da vitória de Lula, em novembro de 2022, bolsonaristas⁶ começaram a montar acampamentos em frente a quartéis-generais do exército, em todo o país. Milhares de militantes permaneceram, por dias, nas instalações, em uma forma de protesto ao resultado das urnas. Na visão de Michel Maffesoli (1997), tal comportamento pode ser entendido como um rito, momento em que a expressão de uma paixão ocorre fundamentada em uma espécie de memória coletiva, uma celebração do clã, do sentimento de uma identidade tribal. Em 8 de janeiro de 2023, uma caminhada na Praça dos Três Poderes, em Brasília, terminou com destruição do patrimônio público, vandalismo e dezenas de pessoas

² Político de esquerda e um dos fundadores do Partido dos Trabalhadores, foi eleito pela primeira vez em 2002.

³ Político de direita, ex-Deputado Federal pelo Rio de Janeiro e, atualmente, filiado ao Partido Liberal.

⁴ Cf. PT, uma história (2022), de Celso Rocha de Barros.

⁵ Compra de fundos através de repasses de propina, o chamado Mensalão; pedaladas fiscais; desvios de recursos da Petrobrás e a prisão do então ex-presidente Lula, no âmbito da Operação Lava Jato, foram alguns dos esquemas de corrupção que marcaram os quatro mandatos do PT na liderança do executivo federal. Nomes fortes da política nacional foram investigados e, alguns, responsabilizados. Outros ainda estão em investigação. Em 2021, as condenações contra o ex-presidente Lula foram anuladas. Em 2023, quanto ao caso das pedaladas fiscais, no então Governo Dilma em 2016, o Tribunal Regional Federal da 1ª região arquivou a ação, sem julgar se foi ou não cometido crime.

⁶ Apoiadores de Bolsonaro.

presas, culminando, posteriormente, em uma Comissão Parlamentar Mista de Investigação (CPMI) para apurar todos os detalhes envolvendo aquele dia.

A imprensa, de diversas partes do país, através de seus correspondentes e emissoras afiliadas, deu ampla cobertura aos fatos. Veículos que trabalham com a instantaneidade na produção da informação, como rádio e televisão (Charaudeau, 2019), transmitiram todos os detalhes do atentado enquanto ainda ocorriam. Coube para o jornal, mídia estritamente escritural (Charaudeau, 2019), esmiuçar e aprofundar as informações para que, no dia seguinte, os leitores recebessem a informação mais completa e atualizada possível. Em Zero Hora, jornal objeto desta análise, percebeu-se um amplo espaço dedicado ao incidente. O periódico, de quarenta páginas, utilizou oito delas para a reportagem dos fatos, sem contar os espaços na capa e nos textos dos jornalistas especializados, cronistas de política, economia e variedades.

Neste contexto, busca-se compreender o imaginário norteador dos manifestantes que participaram do acontecimento, considerando a visão de Michel Maffesoli em *A transfiguração do político: a tribalização do mundo*, obra que busca entender o sentimento de vinculação comunitária ou tribal do homem. A análise desenvolvida por Gustave Le Bon (2019) a respeito do comportamento das multidões incrementa o escopo desta análise, bem como os estudos de Reich (2019), em *Psicologia das massas do fascismo*, ao questionar o que leva determinado grupo de pessoas a seguir uma liderança que se posiciona de maneira oposta aos interesses das massas trabalhadoras, ou a desvaloriza subjetivamente. Para chegar aos resultados, utilizar-se-á do conteúdo aqui destacado, sob ótica da análise do discurso, uma vez que esta teoria, segundo Charaudeau (2019), oferece métodos e instrumentos próprios para compreensão de um objeto. O discurso, segundo o autor, é a ferramenta utilizada para relacionar atos de linguagem a outros fenômenos psicológicos e sociais, sendo eles a união de ação e a influência.

2. A religião por trás do ato político

Como explicar o envolvimento de milhares de pessoas, completamente diferentes e, até então, desconhecidas umas das outras, dentro do mesmo acontecimento? O que une tais indivíduos e os fazem, de forma quase que irracional, agirem em unidade a favor da mesma causa, gerando aquilo que Le Bon (2019) entende como apagamento das próprias personalidades? Tais questionamentos podem ter respostas simples, como identificação, paixão e, até mesmo, uma certa coincidência. De um lado, que veremos mais à diante, está o que Gustave Le Bon (2019) entende por multidão e o inconsciente que a domina, mas em um outro

espectro intelectual, há o que Michel Maffesoli (2008, p. 75) entende como "uma força social de ordem espiritual, uma construção mental, que se mantém ambígua, perceptível, mas não quantificável", ou, de maneira mais objetiva, o imaginário. Para o autor, não há um imaginário individual ou uma percepção imaginária que permita ao indivíduo se afastar do grupo social ao qual está inserido, o imaginário é coletivo. Imaginário, tal qual a política, só existe quando há um outro (Arendt, 2018), ou, neste caso, "Outro".

Assim como a morte é necessária à vida, dando-lhe sentido e especificidade, o político é uma instância que, na sua aceção mais forte, determina a vida social, ou seja, limita-a, constrange-a e permite-lhe existir. Talvez isso lhe permita compreender a surpreendente longevidade do que La Boétie chamou justamente de *servidão voluntária*. E é verdade que não deixa de ser impressionante a curiosa pulsão que força à submissão, a «entregar-se» ao Outro. [...] Pode-se dizer quanto a isso que há um efeito de estrutura ou uma lei natural e inexorável que incita a dobrar a espinha e a aceitar de alguém ou de alguns a lei: o bem, o verdadeiro, o desejável, e o contrário disso tudo, evidentemente. (MAFFESOLI, 1997, p.30).

Se uma paixão comum é capaz de sustentar uma sociedade e fazê-la ser o que é, Maffesoli (1997) afirma que a gestão das paixões é a maior das artes de toda estrutura política. Nesta lógica, o indivíduo, na condição de *servidão voluntária*, projeta, na existência do poder político, a garantia de proteção, bom funcionamento das coisas e preservação da regularidade do desenvolvimento social. A passividade na qual o indivíduo se encontra é endossada pela crença de que o Outro, em posição de superioridade e liderança, será capaz de lhe garantir segurança e tranquilidade. Para Maffesoli (1997), este credo é uma relação religiosa no sentido escritural da palavra, "o que une as pessoas partilhando um conjunto de pressupostos comuns" (MAFFESOLI, 1997, p. 38). Esta força imaginal, como caracteriza o autor, criada a partir da coerção moral ou enraizamento cósmico imposto pelo líder, reforça a condição de *servidão* na qual o indivíduo se encontra, uma vez que ele repousa sobre "a necessidade fatal de um descomprometimento consigo mesmo, de submeter-se, de «entregar-se» aos outros" (MAFFESOLI, 1997, p. 38), legitimando-o quase que cegamente.

Uma vez que o líder produz a adesão do grupo em torno de uma ideia, de uma imagem, o povo tem a necessidade de se colocar em estado de religião. Este conceito de Maffesoli (1997) dá forma a um laço social marcado pela comunhão do conjunto social ao redor da divindade admirada. "O político, no seu aspecto religioso, assegura de uma parte, pelo viés da liderança, a ligação com o meio natural; reforça, de outra parte, pelo sentimento coletivo e pela emoção partilhada, o estar-junto necessário a toda vida social" (MAFFESOLI, 1997, p. 45), sobressaindo um novo *ethos* que afasta o político e dá lugar a um ambiente de contemplação. É

neste sentimento que o comportamento tribal se inclina a predominar, enraizando-se, intensamente, em todas as áreas da vida cotidiana, e se manifestando através de ritos, que dão origem ao que Maffesoli (1997, p. 152) chama de "«socialidade sem utilidade ou sem finalidade», um estar-junto em estado puro".

Os ritos ao focalizar-se no insignificante favorecem a responsabilidade e tomam o lugar do político, que tinha justamente fundado toda a sua legitimidade no sentido de responsabilidade. Assim, o interesse pelo que está próximo não é nenhum pouco objetivo nem fundado sobre argumentações ou construções abstratas. Ao contrário, é empático e valoriza o sentimento, o emocional, o afetual. Coisas que vibram, em momentos particulares (ritos), pelo simples prazer do estar-junto. Retomemos uma observação de Durkheim sobre a religião: «Todo nosso estudo repousa sobre o postulado de que o sentimento unânime dos crentes de todos os tempos não pode ser puramente ilusório». Prudência do sociólogo positivista, mas suficientemente atento aos fatos para reconhecer o impalpável, o imaterial, o inútil que não deixa de ser útil, as formas puras do rito que fazem a sociedade sem remeter a nenhum além. Em resumo, o que se esgota em si mesmo resulta, por vezes, em fundação de raiz para o que, na seqüência, será chamado a desenvolver-se. (MAFFESOLI, 1997, p. 153-154).

O rito, então, solidifica a energia e revigora o corpo social, em uma busca do retorno às origens do estar-junto. Durkheim (*apud* Maffesoli, 1997) afirma que os ritos expiatórios, que provocam comoção, tristeza e dor servem, justamente, para esse restabelecimento de força ao grupo social, para que consigam se restaurar e reagir aos fatos diversos que acometem a sociedade. Estes ritos expiatórios, para Maffesoli (1997), podem, em casos mais intensos, estar relacionados a atos de terrorismo, fanatismos, sequestros e outros extremismos - aplicando ao contexto apresentado neste estudo, atos de vandalismo e depredações também. Maffesoli (1997) compreende que existe uma forma de êxtase neste sacrifício político, fazendo com que, no termo empregado pelo autor, o indivíduo “exploda”, rebentando as amarradas utilizadas para canalizar a vida social imediatamente.

A ordem estabelecida através da força imaginal, citada anteriormente, tende a sucumbir na presença do contraditório. Maffesoli (1997) percebe que a queda de grandes impérios ou a dominação de autoridades que pareciam indestrutíveis, comumente, são associadas à anarquia ou desordem, mas é, justamente, o excesso de organização que causa a implosão do grupo social, introduzida através de um terceiro.

Terceiro, que tomo aqui de maneira metafórica, o que vem desestabilizar as certezas, as diversas quietudes, os valores sociais que acreditávamos estabelecidos para sempre. O «terceiro» pode ser o da revolta, da insatisfação, durante muita [sic] tempo recalçada, e que se afirma subitamente, pode ser também a força de um sentimento coletivo, étnico, tribal ou corporativista ou, ainda, a emoção de diversas ordens (esportivas, musical, sexual) que de tempos em tempos quebra a monotonia da vida diária. (MAFFESOLI, 1997, p. 74).

Esta dialética pode ser explicada, segundo o autor, no surgimento de duas forças: centrípeta, que beneficia a concentração; e centrífuga, que contesta as ações dessa concentração. O conflito gerado pelas forças centrípeta e centrífuga enfatizam, por contrariedade, o impacto deste imaginal (simbólico) que o racionalismo tenta reduzir. Mas é preciso estar atento, pois "a ambiguidade indica, por oposição, que a vida comum é animada em profundidade por diversas correntes, contraditórias, opostas, e que se responsabilizar por ela implica consequências imprevisíveis" (MAFFESOLI, 1997, p. 79). Isto é, para Maffesoli (1997), a perda de uma evidência, que estruturava a relação amorosa e agregação política, cimentada a partir do imaginal elucidado pelo autor.

A vida social, portanto, nada mais é do que uma abstração, uma mistura complexa entre ideal e degradação moral, generosidade e mesquinharia, grandeza intelectual e obscurantismos apaixonados (Maffesoli, 1997). No decorrer da história, ecoam exaltações e gritos acompanhados de sacrifícios, seja através de ritos inseridos na sociedade, ou sob a forma de atentados, violência, ou outras barbáries. Deste modo, entende-se "a efervescência mais ou menos violenta como um sobressalto ecológico capaz de dar nova consistência, de revitalizar o simbolismo fundador, lembrando o aspecto emocional, turvo, afetual, que dirige todo estar-junto vivo" (MAFFESOLI, 1997, p. 98). Concorde ou discorde, para o bem e para o mal.

3. A psique das multidões

O fato analisado neste estudo tem, como principal característica, a presença de uma multidão síncrona de pessoas, em um espaço público na capital federal do Brasil. Gustave Le Bon (2019) aponta que independente dos indivíduos ela comporta, semelhanças, diferenças, grau de inteligência e gênero ao qual é classificada, apenas o fato de se estar em multidão já concede aos envolvidos uma alma coletiva. O autor pontua, no entanto, que a palavra multidão pode ser observada por dois vieses que, apesar de similares, possuem abrangências distintas.

No sentido comum, a palavra multidão significa um conjunto de indivíduos, seja qual for a sua nacionalidade, profissão ou sexo, e independentemente das circunstâncias que os reúnem. Do ponto de vista psicológico, a palavra multidão tem um sentido totalmente diferente. Em determinadas circunstâncias, e apenas nessas, um agrupamento de indivíduos adquire caracteres novos, bem diversos dos caracteres de cada um dos indivíduos que o compõem. A personalidade consciente desvanece-se e os elementos e as ideias de todas as unidades são orientados numa direção única. Forma-se uma alma coletiva, sem dúvida transitória, mas que apresenta caracteres bem definidos. A coletividade transforma-se então no que, a falta de expressão mais

adequada, chamarei uma multidão organizada ou, se preferirem, uma multidão psicológica. Passa a constituir um ser único e fica submetida a lei da unidade mental das multidões. O fato de muitos indivíduos se encontrarem ocasionalmente lado a lado não lhes confere os caracteres de uma multidão organizada. (LE BON, 2019, p. 10).

A partir desta explicação, pode-se compreender que uma multidão não é formada apenas pelo número de indivíduos que a compõe, mas pela finalidade pela qual é formada. Esta aglomeração age dando novas ideias, ações, pensamentos e sentimentos ao sujeito, que talvez não os absorvesse quando agindo isoladamente, apenas enquanto parte da multidão. A este novo corpo, Le Bon (2019) define como “ser provisório”, uma vez que é composto por elementos (ou indivíduos) heterogêneos que, quando reunido, manifestam-se em uma nova combinação, com diferentes caracteres. O psicólogo, no entanto, ressalta que ao passo que os elementos subconscientes formam similaridades entre as pessoas, ferramentas externas e conscientes, como educação e hereditariedade, forma a distinção entre elas, de modo que é possível haver paixões, crenças e valores idênticos entre homens completamente diferentes. “Entre um matemático célebre e o seu sapateiro poderá existir um abismo do ponto de vista intelectual, mas quanto ao caráter e as crenças de cada um, a diferença é muitas vezes nula ou muito pequena” (LE BON, 2019, p. 13), explica o autor. Estas características, ou qualidades gerais do caráter, como diz o autor, são o alicerce das multidões, que suprimem as aptidões intelectuais e se consolidam em cima de substâncias simplórias. É por isso, acredita Le Bon (2019, p. 13), que “esta comunidade de qualidades vulgares que explica que as multidões não possam realizar atos que exijam uma inteligência elevada [...] pois esses homens só conseguem associar qualidades medíocres que toda a gente possui”, fazendo predominar as qualidades consideradas inconscientes.

Ao entender que o principal norteador das multidões é o inconsciente, não é de se surpreender que o autor destaque sentimentos primitivos, como impulsividade, incapacidade de raciocinar, irresponsabilidade, paixão e ausência de juízo como características desse coletivo – o que, de maneira geral, denota uma espécie de simplismo emocional. Comportamentos desta linha ajudam a explicar momentos em que as liberdades foram cerceadas dentro de nações desenvolvidas, como na ascensão do regime nazista na Alemanha, durante a segunda grande guerra, entre 1939 e 1945. Reich (2019, p. 52) explica que a principal força motriz do holocausto foi a união das classes média e baixa em apoio ao führer Adolf Hitler, os mesmos segmentos da economia que outrora estiveram ao lado de democracias, passaram por “uma transformação interna, responsável pela sua mudança de posição política”.

A força da classe média ultrapassa questões econômicas, principalmente, pelos valores que formam o caráter dos indivíduos a ela pertencentes, uma vez que não se reconhecem como proletariado, ao mesmo tempo em que não fazem parte da burguesia.

Devendo obediência aos superiores, ele é simultaneamente o representante dessa autoridade diante dos que estão abaixo dele e, como tal, goza de uma posição moral (mas não material) privilegiada. O mais perfeito exemplo deste tipo psicológico é o sargento de qualquer exército. A força desta identificação com o patrão está patente no caso de empregados de famílias aristocráticas, como mordomos, camareiros, etc., que se transformam completamente, num esforço para esconder sua origem inferior assumindo as atitudes e a maneira de pensar da classe dominante, aparecendo muitas vezes como caricatura das pessoas a quem servem. Essa identificação com a autoridade, com a empresa, com o Estado ou com a nação — que se traduz na expressão: "Eu sou o Estado, a autoridade, a empresa, a nação" — revela uma realidade psíquica e constitui um dos melhores exemplos de uma ideologia que se transformou em força material. O empregado ou funcionário público começa por desejar assemelhar-se ao seu superior, até que, gradualmente, a constante dependência material acaba transformando toda a sua pessoa, de acordo com a classe dominante. Sempre disposto a se adaptar à autoridade, o indivíduo da classe média baixa acaba criando uma clivagem entre a sua situação econômica e a sua ideologia. (REICH, 2019).

Neste sentido, o autoritarismo e a intolerância acabam sendo, facilmente, aceitos e praticados pelas multidões, uma vez que não se deixam dominar por líderes que remetam à fraqueza ou fragilidade, senhores e senhoras benevolentes ou sensíveis. Para Le Bon (2019, p. 26), a admiração se volta sempre para “os tiranos que vigorosamente as dominaram. E sempre a esses que erguem as mais belas estátuas. Quando pisam com prazer a seus pés o déspota derrubado e porque, perdida a sua força, esse déspota entrou na categoria dos fracos que se desprezam e já não se receiam”. O herói, respaldado pelas multidões, precisa ser aquele a quem temer e, inconscientemente, também querer ser.

4. O dito relatado de Patrick Charaudeau

Na obra intitulada *Discurso das Mídias* (2019), Patrick Charaudeau detalha o funcionamento discursivo da máquina midiática, a partir de suas restrições, especificidades de cada gênero, os modos de organização e as estratégias de encenação no discurso da informação. Charaudeau (2019) entende que a informação e a comunicação remetem a fenômenos sociais, enquanto a mídia age como um suporte organizacional para inseri-los dentro de determinadas lógicas de interesse próprio, como economia, tecnologia e simbolismos. Assim, o discurso de informação se torna uma atividade de linguagem que estabelece um vínculo social entre a

sociedade, sem o qual não há identificação popular. A mídia, por sua vez, é a responsável por fabricar a informação (por isso, máquina midiática) com base nos acontecimentos da vida cotidiana.

Dentre as etapas de análise trabalhadas pelo autor, estão as estratégias de encenação da informação, que estipulam um modo de organização do discurso e ordenamento temático da notícia, a fim de garantir credibilidade e captação junto ao receptor, a partir das restrições e instâncias de comunicação de cada veículo midiático (imprensa⁷, rádio e televisão). De um lado, o sujeito informante (jornalista e mídia) está limitado por estas restrições, enquanto, do outro, está o projeto pessoal de descrição e detalhamento dos acontecimentos a ele empregados. Assim, o enunciador deverá escolher as estratégias que melhor couberem nas condições que possui (Charaudeau, 2019), procedendo com uma determinada construção da notícia para informar de acordo com certos modos discursivos, estabelecidos pelos dispositivos onde ele passa.

Para relatar um acontecimento, o emissor - neste caso, o jornalista - precisa construí-lo midiaticamente, fazendo se transformar em uma notícia, "objeto de um tratamento discursivo desenvolvido sob diferentes formas textuais: de anúncio (os títulos), de notificações (as notas), de relatórios (os artigos) etc. É o que se denomina 'acontecimento relatado' (AR)." (CHARAUDEAU, 2019, p. 152). Este conceito de acontecimento relatado pode ser elaborado de duas maneiras: fatos relatados (FR) e ditos relatados (DR). O autor entende que os fatos estão relacionados com comportamentos do indivíduo ou ações da natureza, como crimes e ou desastres naturais. Os ditos, no entanto, estão relacionados com pronunciamentos, que em ocasião possuem valor de testemunho, outra de reação, depoimentos e afins.

Charaudeau (2019, p. 161) acredita que "todo fato de linguagem poderia ser considerado um discurso relatado se este último fosse definido de maneira ampla: ao vir ao mundo, cada ser humano é mergulhado num oceano de palavras", isto é, rodeado de palavras materializadas em outros seres humanos, que auxiliarão no processo de formação identitária do novo ser falante.

Ao falar de si, também se fala do outro e o oposto também, pois é através de trocas linguageiras com esse outro que o indivíduo se apropria, reformula, modifica e reconstrói seu próprio ato de enunciação (Charaudeau, 2019). Assim, a palavra do outro está presente, a todo momento, em cada nova conversação estabelecida, "instituindo um 'dialoguismo' permanente entre o outro e o sujeito que fala, fazendo de todo discurso um discurso heterogêneo por

⁷ Patrick Charaudeau entende a imprensa como mídia impressa, como jornais e revistas.

definição, uma vez que se compõe frequentemente 'dos traços das enunciações do outro!.'
(CHARAUDEAU, 2019, p. 161)

Mesmo que discurso relatado e dito relatado pareçam sinônimos, é preciso estar atento, pois não são. O discurso relatado consiste no ato de enunciação por onde o locutor (1) relata o que foi dito por um outro (2), dirigindo-se a um terceiro interlocutor (3), que não é o locutor de origem - aquele que gerou o dito. Estes três precisam estar em um tempo-espaço diferente para que o processo ocorra. "O discurso relatado caracteriza-se, então, pelo encaixe de um dito num outro dito, pela manifestação da heterogeneidade do discurso" (CHARAUDEAU, 2019, p. 162). O uso do dito relatado tem, conforme Charaudeau (2019), a função de produzir variadas provas, como: **autenticidade**, do dito de origem, reforçando que realmente foi emitido; **responsabilidade** de quem disse; **verdade** do que foi dito, justificando e ratificando os **propósitos** do locutor-relator do dito. Assim, Charaudeau (2019) entende que o discurso relatado marca a posição deste locutor-relator frente ao interlocutor, criando uma posição de: **autoridade** porque relatar é mostrar o que se sabe; **poder**, pois citar é fazer o outro saber alguma coisa, revelar a ele algo; **engajamento**, porque revela adesão do locutor-relator aos **propósitos** do locutor de origem.

"A descrição do dito relatado se baseia em três tipos de operação: a *seleção* feita a partir do dito de origem (Do), a *identificação* dos elementos dos quais depende o Do e a *maneira de relatar*" (CHARAUDEAU, 2019, p. 164). A seleção, portanto, pode ser parcial ou total; a identificação dos elementos dos quais depende a enunciação, que também pode ser total, parcial ou não existir; e a maneira de relatar, por sua vez, pode ser:

"citando" (a citação) o dito de origem que é relatado, mais ou menos integralmente, numa construção que se apresenta como a reprodução fiel do que foi enunciado, com as marcas de autonomia no dizer do locutor que relata. As marcas mais usadas são os dois-pontos e aspas [...] "integrando" parcialmente o dito de origem, na terceira pessoa, ao dizer daquele que relata, com modificações no enunciado de origem: os pronomes e o tempo verbal dependem, não do momento de enunciação, mas do momento de enunciação do locutor que relata [...] "narrativizando" o dito de origem que é relatado, de tal maneira que se integre totalmente, ou mesmo desapareça, no dito de quem relata. O locutor do dito de origem se torna agente de um ato de dizer. [...] "evocando" (a alusão) o dito de origem, que aparece apenas como uma evocação do que o locutor de origem disse ou costuma dizer. Essa maneira, que não raro é marcada por uma palavra ou grupo de palavras entre aspas, travessões ou parênteses. (CHARAUDEAU, 2019, p. 165-166).

Charaudeau (2019) alerta que o dito relatado pode apresentar alguns problemas quando empregado na mídia, uma vez que o exercício do poder nas sociedades exige, cada vez mais, a comprovação democrática do informado, uma vez que toda escolha pode produzir efeitos, nem

sempre, desejados na instância de recepção. Todavia, para fins desta análise, tais complicações não serão consideradas, uma vez que o objeto não considera os efeitos provocados pelo discurso.

5. Oito páginas, um atentado

Porto Alegre, nove de janeiro de 2023. O jornal de maior circulação no Rio Grande do Sul trouxe, em sua capa, uma foto do confronto entre manifestantes, vestidos de verde e amarelo, e agentes da Polícia Militar do Distrito Federal, em uma das principais ruas de Brasília, Capital do país. A fumaça deixada pelas bombas de efeito moral demonstra a magnitude do que acontecia na cidade. No título, a frase "Ataque à democracia" em letras garrafais, seguida de três linhas de texto explicando o que aconteceu, apresentando, assim, o assunto de maior repercussão do periódico daquela data.

A primeira reportagem sobre o atentado à praça dos Três Poderes⁸ aparece na página seis, intitulada Caos, destruição e tentativa de golpe; instituições reagem. Diferente de outros espaços, não há um jornalista identificado como autor do conteúdo. Ocupando quase meia página, uma foto dos manifestantes invadindo a sede do Parlamento Brasileiro, a maioria deles vestida de verde e amarelo, carregando bandeiras do Brasil. Como o título introduz, a reportagem inicia com a reação das autoridades a respeito do fato e o que havia de mais recente a respeito, como a intervenção federal na cidade para restabelecer a normalidade. No quarto parágrafo, o dito relatado aparece pela primeira vez, em forma de citação, quando uma fala do presidente Luiz Inácio Lula da Silva é apresentada, apontando falhas na segurança feita pelos agentes na data. No parágrafo seguinte, outro dito do locutor de origem (Lula) é integrado na frase: "Lula classificou de 'barbárie' [grifo nosso] o que aconteceu em Brasília" (ZERO HORA, 2023, p. 6). A seguir, um novo dito de Lula é incluído no texto. Esta reportagem, que ocupa as páginas 6 e 7 do jornal, apresenta um discurso relatado, majoritariamente, narrativizado, por incluir falas indiretas em sua construção, mas abrindo espaço para citações (na página 7, em especial) do Presidente da República, Supremo Tribunal Federal, Câmara dos Deputados e Senado Federal - estes três, que tiveram suas respectivas sedes depredadas pelos manifestantes.

Na página 8, o título Estratégia foi articulada com antecedência nas redes sociais é acompanhado de uma foto, do lado esquerdo da página, de manifestantes sobre a rampa do

⁸ A Praça dos Três Poderes abriga as sedes dos três poderes do Estado: Palácio do Planalto (poder Executivo), Congresso Nacional (poder Legislativo) e o Supremo Tribunal Federal (poder Judiciário).

Congresso, alguns vestindo verde e amarelo, outros com roupas camufladas tal qual militares, cercados pelo gás deixado por bombas de efeito moral⁹. No primeiro parágrafo, a matéria associa a manifestação ao ex-presidente da República, Jair Bolsonaro, afirmando que "extremistas leais" (ZERO HORA, 2023, p. 8) se utilizavam de aplicativos de mensagem para organizar os atos. Nos dois trechos seguintes, a reportagem explica como teria sido feita essa logística para que os manifestantes fossem levados até o local de destino.

No quarto parágrafo, surge o primeiro dito relatado associado aos manifestantes. O relator de origem é omitido, mas o discurso empregado na frase deixa subentendido se tratar de um participante, pela introdução de aspas na frase em abaixo, que retratava o perfil dos indivíduos que eram chamados a participar e o que ganhariam com isso:

Em mensagens, os bolsonaristas também convocaram caçadores, atiradores e colecionadores de armas e bombeiros militares. Queriam pessoas com experiência militar para enfrentar as forças de segurança caso fosse necessário. Prometiam, aos que fossem à Brasília, "**tudo pago. Água, café, almoço e janta. Ficará acampado no Planalto**" [grifo nosso]. (ZERO HORA, 2023, p. 8).

No parágrafo seguinte da matéria, uma nova citação elucida a organização dos manifestantes. A fala, dentro do conceito de Charaudeau (2019), busca reforçar a autenticidade do conteúdo:

- **O povo do agro me chamou e já me contratou 3 mil ônibus, de diferentes áreas do Brasil** [grifo nosso], disse um organizador de protestos bolsonaristas em áudio produzido e divulgado na quarta-feira. - **A gente vai tomar o poder. Agora vamos mostrar o que é gente do bem quando resolve ser do mal. Iremos fazer uma reintegração da posse das casas do Poder** [grifo nosso]. (ZERO HORA, 2023, p. 8).

Ao final desta matéria, o autor do texto volta a integrar trechos de um dito, omitindo novamente o locutor original, com o chamamento feito pelos organizadores do protesto através de aplicativos de mensagens. "Um dos conteúdos afirmava que a participação dos manifestantes era '**crucial ou será a escravidão e miséria para todos**' [grifo nosso]. A publicação ainda exibiu armas de fogo." (ZERO HORA, 2023, p. 8).

O parágrafo seguinte recebe um subtítulo, com a palavra "Operação", assim mesmo, entre aspas, em uma referência a maneira como os próprios bolsonaristas chamavam o projeto

⁹ Armas usadas para controlar situações de tumulto, sem ferir ou matar os envolvidos.

de invasão à Praça dos Três Poderes. Logo no início, o texto apresenta a seguinte estrutura, novamente, fazendo uso de ditos relatados com locutor original oculto.

Num dos grupos centrais dos manifestantes do Telegram, uma mensagem publicada na quinta-feira falava de uma **"operação"** [grifo nosso] em três **"trincheiras"** [grifo nosso]: na primeira, a tomada do Congresso, do Palácio do Planalto, do Palácio da Alvorada e outros prédios em grande contingente. Num outro, o fechamento de rodovias e refinarias por caminhoneiros. Na terceira, ocupar os QGs. **"Alinhar para concluir a missão"** [grifo nosso], finalizava o texto com a estratégia. (ZERO HORA, 2023, p. 8).

Nos dois parágrafos consecutivos, o texto continua falando sobre a logística do atentado, destacando que os organizadores repassaram orientações sobre a segurança dos participantes, recomendando o uso de equipamentos de proteção individual em caso de eventuais confrontos. O enunciador utiliza, com certa frequência, a integração de falas de terceiros (locutor original) sem mencionar quem seriam (Charaudeau, 2019), mas em um contexto que deixa claro se tratar de manifestantes e apoiadores do acontecimento. A matéria informa que as mensagens de convocação dos manifestantes começaram a ganhar força na terça-feira anterior ao domingo, 8 de janeiro. Nota-se que a estratégia, conforme explica Charaudeau (2019), é utilizada para reforçar o sentido de responsabilidade dos invasores junto ao acontecimento.

- O Congresso é nosso, vamos tomar posse dele!! Com cavalaria ou sem cavalaria, nada vai nos parar [grifo nosso] - disse um usuário na filial organizadora dos manifestos de São Paulo, às 9h59min de domingo. **"Foco, galera. Tomar a Praça dos Três Poderes"** [grifo nosso], dizia uma mensagem que começou a circular por volta de 10h da manhã. **"Tomar o STF, o Planalto e o Congresso."** [grifo nosso] Outra mensagem, publicada às 10h43min da manhã dizia falar para o pessoal na frente do QG para marchar ao Congresso. Às 10h58min, uma convocação. **"Hoje teremos a tomada dos Três Poderes. E invasão no Congresso. Será um dia de guerra. O primeiro passo para a rebelião de resistência civil"** [grifo nosso]. (ZERO HORA, 2023, p. 8).

Um novo subtítulo aparece, mas agora detalhando, como o próprio título diz, “A cronologia dos ataques”. Nos sete blocos que compõem a matéria, separados por horário de acontecimentos (14h, 15h, 15h45min, 17h30min, 18h30min, 20h30min e 20h40min), nota-se a narrativização e introdução de ditos relatados dos participantes, em especial, no primeiro, intitulado “14h”.

Apoiadores radicais do ex-presidente Jair Bolsonaro, que estavam concentrados defronte ao QG do Exército, iniciam a caminhada até a esplanada dos ministérios pedindo a prisão do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, intervenção militar e Bolsonaro de volta ao poder. Faixas com as inscrições **"Lula na cadeia"** [grifo nosso], **"intervenção militar"** [grifo nosso], **"supremo é o povo"** [grifo nosso] e **"Bolsonaro presidente"** [grifo nosso] foram erguidas no meio da manifestação, que

avançou com escolta da PM. Desde sábado o grupo vinha se concentrando defronte à sede do Exército. (ZERO HORA, 2023, p. 8).

No terceiro subtítulo, 15h45min, o autor introduz a fala de uma mãe, que, junto ao filho, ia ao encontro do marido. "Ela bradava que agora era '**guerra**' [grifo nosso]." (ZERO HORA, 2023, p. 9). Mais para o final, em 18h30min, ofensas direcionadas aos agentes da segurança são relatadas, introduzindo nova enunciação de protestantes. "Policiais foram chamados de 'covardes' e 'traidores' pelos extremistas". (ZERO HORA, 2023, p. 9). Nos dois blocos que encerram a reportagem, o jornalista utiliza uma citação, mas do Governador do Distrito Federal, que declara a retomada do controle pelos agentes da segurança. Outros dois textos, na página 9, trazem manifestações de repúdio por parte de outros governantes brasileiros e também as falhas que podem ter ocorrido na segurança de Brasília.

As páginas 10 e 11, de Zero Hora, em 9 de janeiro de 2023, trazem uma galeria com sete fotografias, "Crimes em 7 atos", diz o título. As imagens, todas com legendas, retratam os estragos, a violência e a facilidade com a qual os bolsonaristas tomaram a Praça dos Três Poderes. Facilidade por quê, em nenhuma das imagens, há presença de policiais militares ou outro agente buscando conter os invasores. Na página seguinte, matéria publica a posição do ex-presidente, Jair Bolsonaro, sobre os acontecimentos. Novamente, a estratégia do dito relatado é utilizada, uma vez que a fala do político foi, originalmente, publicada em uma rede social e introduzida, ou citada, dentro da matéria para trazer um sentido de poder junto ao público.

Bolsonaro também se defendeu de ser responsável por incentivo aos atos de vandalismo e ainda comparou o que ocorreu ontem em Brasília aos protestos "**realizados pela esquerda em 2013 e 2017**" [grifo nosso]. Nos dois protestos usado como comparação pelo ex-presidente, porém, não houve invasões das sedes dos Três Poderes nem depredações nas dimensões como a que ocorreu neste domingo. "**Ao longo do meu mandato, sempre estive dentro das quatro linhas da Constituição, respeitando e defendendo as leis, a democracia, a transparência e a nossa sagrada liberdade**" [grifo nosso], escreveu o ex-presidente, que disse repudiar as acusações "do atual chefe do executivo do Brasil". (ZERO HORA, 2023, p. 12).

A última reportagem relacionada ao ataque à Praça dos Três Poderes, na página 17, traz o posicionamento de juristas e da imprensa internacional sobre os atos de vandalismo. Sob o título "Financiadores e instigadores serão punidos", diz Moraes", o material traz a perspectiva de instituições, como o Supremo Tribunal Federal e Tribunal Superior Eleitoral, a respeito da responsabilização dos responsáveis pelos atos. O periódico também faz uso de entrevistas, com advogados, especialistas na área criminal, para ratificar o sentido de verdade que é posto na

matéria, buscando, conforme Charaudeau (2019), ratificar o propósito do locutor-relator em desvelar a gravidade dos acontecimentos.

6. Considerações finais

O imaginário é uma área complexa de ser desvendada ou entendida. Mesmo possuindo elementos racionais (Maffesoli, 2008), o lúdico, o imaginativo, o sonho e o afetivo também o completam, fazendo com que se torne algo impalpável, mas real ao mesmo tempo. Quando aplicado a uma multidão, o imaginário acaba se transformando em ações guiadas pelo inconsciente de um mesmo coletivo, movido por sentimentos primitivos e que denotam a fragilidade no julgamento das atitudes. Logo, como entende Maffesoli (2008, p. 77), "o imaginário, certamente, funciona pela interação" independente de qual seja, fomentando uma alquimia entre o indivíduo e o seu desejo do estar-junto, de pertencer a um determinado clã, tribo, grupo social. Por outro lado, o indivíduo, como pontua Le Bon (2019) perde seu critério intelectual e até mesmo o senso de responsabilidade quando inserido em um conjunto, podendo transformar as pessoas mais gentis e sensatas, em sujeitos violentos, impensantes e, por que não, criminosos.

A essência do político é coletiva e, por isso, é objeto passional do homem, faz parte de seu âmago assim agir. Quando o desejo, a veneração, a religião para com o outro sai do seu aspecto lógico-racional, transformando-se em uma aura que anseia pelo culto, pela adoração ao Outro, esse estado deixa de ter uma explicação concreta, ao mesmo tempo em que não deixa de ser real – o movimento das multidões é, exatamente assim: irracional. Uma manifestação organizada antecipadamente, com objetivos bem definidos e um espectro *imaginal* comum são uma representação viva do tamanho que o imaginário possui na dinâmica do homem. A multidão, por outro lado, não age desta forma porque não é passível ou movida de inteligência ou razão, mas por emoção e impulsividade, impassível de qualquer tipo de controle.

A partir da teoria da análise do discurso empregada neste estudo, fica claro que o atentado à Praça dos Três Poderes, em 8 janeiro de 2023, não foi um movimento lógico, pensado e planejado para terminar da maneira que as páginas do jornal Zero Hora retrataram. As milhares de pessoas que tomaram conta do espaço, naquele momento, não estavam sob ordem de um único líder ou seguindo um roteiro, previamente, estabelecido. A multidão, por si só, é o próprio movimento e, conseqüentemente, a própria força motriz da barbárie registrada naquela data. Não responsabilizar os indivíduos que lá estiveram seria conivente com a falta de

responsabilidade e civilidade lá apresentadas, ao mesmo tempo em que acreditar que uma só pessoa foi capaz de mover tamanha massa seria ingenuidade.

Assim, no que tange à comunicação, conclui-se que o imaginário é uma construção real, mas impalpável, baseada no simbólico, ao passo em que a multidão é movida por esses aspectos e os manifesta através de comportamentos primitivos, simplórios, que não dependem de intelecto para existir. A análise do discurso, uma ciência empírico-dedutiva, nos ajuda a enxergar o importante papel da linguagem ao transformar atos em registros históricos, que servirão como instrumento de análise no decorrer dos tempos – tal qual este estudo. Para estudos futuros, explorar o campo do imaginário dentro das multidões pode auxiliar na compreensão de outros movimentos similares que ocorreram na política brasileira e mundial.

Referências:

ARENDDT, Hannah, 1906 - 1975. **O que é política**. Organização: Ursula Ludz. Tradução de Reinaldo Guarany; Kurt Sontheimer. 12 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2018. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=vsvFDwAAQBAJ&lpg=PT4&ots=ezV8Wkc-tt&dq=o%20que%20%C3%A9%20pol%C3%ADtica&lr&hl=ptBR&pg=PT2#v=onepage&q=o%20que%20%C3%A9%20pol%C3%ADtica&f=false>>. Acesso em: 28 de jun. 2023.

BOLSONARO diz que depredações fogem à regra. **Zero Hora**, Porto Alegre. 9 de jan. de 2023.

BRANDÃO, Marcelo. Governo federal lança marca e slogan pelas redes sociais. Agência Brasil, 2019. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2019-01/governo-federal-lanca-marca-e-slogan-pelas-redes-sociais>>. Acesso em: 28 de jun. de 2023.

BRUM, Eliane. **Brasil, construtor de ruínas – um olhar sobre o país, de Lula a Bolsonaro**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2019. 304p.

CAOS, destruição e tentativa de golpe; instituições reagem. **Zero Hora**, Porto Alegre. 9 de jan. de 2023.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias**. Tradução de Ângela M. S. Corrêa. 2 ed., 4ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2019.

_____. **Uma análise semiolinguística do texto e do discurso** In: PAULIUKONIS, M. A. L. e GAVAZZI, S. (Orgs.) Da língua ao discurso: reflexões para o ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p. 11-27. Disponível em: <<http://www.patrick-charaudeau.com/Uma-analise-semiolinguistica-do.html#nb3>>. Acesso em 16 de jun. 2023.

CRIMES em 7 atos. **Zero Hora**, Porto Alegre. 9 de jan. de 2023.

ELEIÇÕES 2018: Justiça Eleitoral conclui totalização dos votos do segundo turno. **Tribunal Superior Eleitoral**, 2018. Disponível em: <<https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2018/Outubro/eleicoes-2018-justica-eleitoral-conclui-totalizacao-dos-votos-do-segundo-turno>>. Acesso em: 28 de jun. de 2023.

ESTRATÉGIA foi articulada com antecedência nas redes sociais. **Zero Hora**, Porto Alegre. 9 de jan. de 2023.

FINANCIADORES e investigadores serão punidos, diz Moraes. **Zero Hora**, Porto Alegre. 9 de jan. de 2023.

GOVERNADORES repudiam episódios de depredação. **Zero Hora**, Porto Alegre. 9 de jan. de 2023.

GOVERNO do Distrito Federal. **Praça dos Três Poderes**. Disponível em: <<https://www.df.gov.br/praca-dos-tres-poderes/>>. Acesso em: 20 de jun. de 2023.

LE BON, Gustave. *Psicologia das multidões*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2019.

LULA é eleito novamente presidente da República do Brasil. **Tribunal Superior Eleitoral**, 2022. Disponível em: <<https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2022/Outubro/lula-e-eleito-novamente-presiden-te-da-republica-do-brasil>>. Acesso em: 20 de jun. de 2023.

MAFFESOLI, Michel. **A transfiguração do político**: a tribalização do mundo; tradução de Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 1997.

_____. **Michel Maffesoli**: o imaginário é uma realidade. *Revista FAMECOS*, [S. l.], v. 8, n. 15, p. 74–82, 2008. DOI: 10.15448/1980-3729.2001.15.3123. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/revistafamecos/article/view/3123>>. Acesso em: 16 jun. de 2023.

MOURA, Mauricio; CORBELLINI, Juliano. **A eleição disruptiva**: por que Bolsonaro venceu. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2019.

REICH, Wilhelm. *Psicologia das massas do fascismo*. São Paulo: Martins Fontes, 2019.

SECRETÁRIO de segurança do DF é exonerado. **Zero Hora**, Porto Alegre. 9 de jan. de 2023.

TREZZI, Humberto. Falhas de segurança viabilizaram invasão. **Zero Hora**, Porto Alegre. 9 de jan. de 2023.